

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT05.026

# AS INFLUÊNCIAS DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR E O RECURSO HUMANO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO

Fernanda Sampaio de Almeida<sup>1</sup>  
Nádia Terezinha Leocádio Campos<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa busca discutir, através de uma revisão de literatura, as implicações das problemáticas da desigualdade social nas escolas e como o processo de socialização e o recurso humano podem ser uma das lentes para se ampliar o olhar dos problemas escolares. Para a discussão utilizaremos os autores como Bourdieu (1998), Nogueira, Piotto e Nogueira (2021), Reis e Nogueira (2021), Jesus (2018) e Érnica e Batista (2012), para falar da implicância da desigualdade social na realidade escolar. Autores como Berger e Berger (1990) e Lahire (1997) nos ajudarão na discussão sobre a importância do processo de socialização, e por fim utilizaremos a pesquisa de Perpétuo e Coutrim (2022) para referendar a importância do recurso humano como agente de transformação da realidade escolar. Por fim, conclui-se que analisar as problemáticas sociais e sua influência na escola é uma proposta para refletirmos sobre os caminhos da sociedade e o papel do ser humano em todo contexto. Importante ressaltar que não se trata de uma forma conclusiva ou simplista para a resolução dos problemas dos contextos educacionais, mas sim um ponto de reflexão diante de toda complexidade para a própria questão de si e do recurso humano como agente transformador. As discussões apresentadas apontam a novos horizontes e reflexões para ao caminho de uma boa educação.

**Palavras-chave:** Sociologia da Educação, Desigualdade Social, Recurso Humano.

1 Doutoranda do Curso de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, [fernandasampaioidealmeida@gmail.com](mailto:fernandasampaioidealmeida@gmail.com);

2 Mestranda pelo Curso de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, [nadia.campos@aluno.ufop.edu.br](mailto:nadia.campos@aluno.ufop.edu.br).

## INTRODUÇÃO

As discussões ao redor das problemáticas escolares não se limitam a análises isoladas, uma vez que suas razões são multifatoriais. Mas analisar essa realidade partindo de um ponto específico que se relacione a sociedade, pode-se pensar em caminho para compreender que as razões estão nas nuances dos indivíduos que passam com suas diferenças sociais, econômicas, culturais e políticas. Dessa forma, a sociedade se torna lente para ampliar as miudezas dos problemas escolares, não de forma determinista, mas de forma reflexiva e transformadora.

A presente pesquisa busca discutir, através de uma revisão de literatura, as implicações das problemáticas da desigualdade social nas escolas e como o processo de socialização e o recurso humano podem ser uma das lentes para se ampliar o olhar dos problemas escolares.

Para a discussão utilizaremos os autores como Bourdieu (1998), Nogueira, Piotto e Nogueira (2021), Reis e Nogueira (2021), Jesus (2018) e Êrnica e Batista (2012), para falar da implicância da desigualdade social na realidade escolar. Autores como Berger e Berger (1990) e Lahire (1997) nos ajudarão na discussão sobre a importância do processo de socialização, e por fim utilizaremos a pesquisa de Perpétuo e Coutrim (2022) para referendar a importância do recurso humano como agente de transformação da realidade escolar.

Importante contextualizarmos o surgimento da Sociologia da Educação, que remota ao final da década de 60 e o início da década de 70 com as transformações referentes ao pós guerra, a ascensão econômica e tecnológica. Nesse sentido, o papel da escola foi aliciado como importante ferramenta de produção e reprodução social devido ao crescimento demográfico (NOGUEIRA 1990).

O público aumentou e foi necessário criar bases para a sua formação, uma vez que seu caráter era de baixa instrução. Mas, o clima de otimismo passa a ceder lugar ao desencanto devido as problemáticas que surgem no início da década de 70, com toda contradição do movimento através da recessão econômica, a eminência de movimentos sociais e a luta por direitos civis (NOGUEIRA 1990).

Todo esse contexto suscitou a discussão para a compreensão da realidade escolar e sua interação com a sociedade, uma vez que o movimento de contestação e questionamento sobre as estruturas sociais foram endossados. Dessa forma, as questões sociais foram vistas com relevância, pois tornou-se

necessário responder às indagações que se criavam na sociedade em processo de reconstrução, em plena mutação social e em vias de modernização. Assim, segundo Nogueira (1990) o tema da mudança social passa a ser o principal ponto de discussão dessa nova disciplina, apontando sempre novos desafios e compreensões

Portanto, analisar as problemáticas sociais e sua influência na escola é uma proposta para refletirmos sobre os caminhos da sociedade e o papel do ser humano em todo contexto. Importante ressaltar que não se trata de uma forma conclusiva ou simplista para a resolução dos problemas dos contextos educacionais, mas sim um ponto de reflexão diante de toda complexidade para a própria questão de si e do recurso humano como agente transformador.

## DESIGUALDADES SOCIAIS E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO

As marcas das desigualdades sociais acompanham os sujeitos por razões econômicas, políticas, sociais ou culturais. Por tais motivos, os sujeitos são cercados de viverem as oportunidades e desfrutarem do conhecimento humano como direito de vida.

Bourdieu (1998) em seu livro “os excluídos do interior” discute sobre como as condições socioeconômicas afetam o desempenho e as oportunidades escolares dos indivíduos culturalmente diferentes. Através de uma abordagem estruturalista, Bourdieu (1998) passa a compreender como a Educação apresenta características de perpetuação e de reprodução social, devido ao maior capital econômico e cultural de famílias privilegiadas. Assim, há um maior investimento de recursos educacionais aos seus descendentes, o que confere vantagens significativas em relação as famílias que apresentam menor capital econômico e cultural.

Nesse entrono, a conjuntura educacional se forma por influências de padrões normativos e valores que se remetem a cultura dominante. Dessa forma, os grupos que não se enquadram na realidade de oportunidades e recursos são excluídos e desvalorizados culturalmente, principalmente no ambiente escolar. As oportunidades escolares passam a ser menos acessíveis e impedem a possibilidade de uma mobilização social em detrimento de uma manutenção social.

Piotto e Nogueira (2021) também atribuem o sentido da desigualdade social na escola a partir da diferenciação do capital cultural dos sujeitos. Segundo Piotto e Nogueira (2021) o acesso ao capital cultural que os indivíduos de família

privilegiadas têm, garantem um maior acesso aos recursos culturais. Nesse sentido, devido a ampliação de conhecimento de mundo, os processos de conexões ao aprendizado são diferentes a esses sujeitos, o que por consequência garante um maior sucesso escolar.

Segundo Piotto e Nogueira (2021), a escola ajuda na reprodução dos padrões dominantes, ainda que de forma não intencional ao manter currículos, métodos de ensino e comportamentos que privilegiam os indivíduos que tem maior capital cultural alinhado à cultura hegemônica. Assim, os sujeitos que não correspondem a tais expectativas são culpados e deslocados da dinâmica escolar, ocasionando o afastamento da escola e a falta de motivação para a vivência acadêmica e mudança de realidade social.

Èrnica e Rodrigues (2012) trazem uma discussão referente as desigualdades sociais em contextos metropolitanos, uma vez que os estudantes provenientes de famílias de baixa renda apresentam dificuldades adicionais ao acesso e as oportunidades escolares. Os autores citam tais dificuldades relacionando-as desde questões voltadas a moradia até a distribuição de renda ao financiamento escolar, uma vez que escolas localizadas em áreas privilegiadas são mais visíveis ao poder público.

Reis e Nogueira (2021) discutem o contexto da escolarização nos meios rurais e atribuem maiores desafios, pois há uma grande distância para se alcançar os recursos básicos de sobrevivência. Dessa forma, sem os recursos básicos que mantem a dignidade e os direitos aos seres humanos, pensar no engajamento educacional é um grande desafio, pois é inviável exigir algo além, se o mínimo não é garantido.

Jesus (2018) aborda a desigualdade social com o foco na questão racial, discutindo como grupos étnicos encontram barreias devido a discriminação e preconceitos perpetuados no ambiente escolar. A motivação aos estudos fica comprometida pela falta representatividade, fazendo com que os indivíduos se sintam não pertencentes ao ambiente, comprometendo seu sucesso escolar.

Lahire (1997) argumenta sobre o papel da transmissão familiar nas desigualdades, ressaltando que não se trata de um processo mecânico e uniforme, pois não se limita a recursos materiais, mas se estende aos recursos simbólicos e culturais. Dessa forma, a transmissão ocorre de forma sutil envolvendo várias relações que permeiam as famílias, influenciando os indivíduos em suas trajetórias educacionais e profissionais. Importante ressaltar que a família interage com

outros espaços de socialização, ela não é o fator determinante, a escola e os meios de comunicação também influenciam a construção dos sujeitos.

Portanto, a desigualdade social influencia no desenvolvimento escolar dos sujeitos considerando o local onde mora até o grupo étnico em que fazem parte. Avaliar e refletir sobre essas questões é um papel que compete aos professores ao desenvolver suas ações dentro da escola e também do poder público ao investir em equiparações de desigualdades.

## A IMPORTÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO E DO RECURSO HUMANO

A socialização é um fator que promove a construção e perpetuação das ideias sociais. Assim, compreender esse processo se torna importante para reconhecermos as desigualdades e o que é comum a nós a partir do outro.

Segundo Berger e Berger (1990), a princípio, o nascimento de uma criança é marcado pelo contato com o próprio corpo e ambiente. As vibrações, vozes, cheiros, imagens, estimulam seus sentidos no universo da percepção de si e do ambiente físico. Mas o contato com as relações humanas não fica distantes dessa percepção e construção, dando início a construção social do ser.

Dessa forma, o contato passa a ser tão forte, que até mesmo os componentes não sociais são formados diretamente por relações sociais. O macrocosmo influencia no microcosmos dos sujeitos e perduram durante todo seu desenvolvimento. O contexto social influencia diretamente nas questões até mesmo fisiológica das crianças, como os autores Berger e Berger (1990) trazem um exemplo dos EUA, citando que “o nível de renda define se será uma mamadeira ou peito” (BERGER; BERGER 1990, p.203).

Dessa forma, o processo de socialização cria sentido aos valores, normas, crenças e comportamentos na sociedade por parte dos indivíduos. A formação da identidade e os processos de aprendizagem perpassam pelo constante encontro com a socialização, dando forma as desigualdades e expectativas de papéis sociais por parte dos contextos em que cada indivíduo é inserido. Nesses contextos, com os diversos contatos os indivíduos também criam as identidades coletivas, fazendo distinção de pertencimento a grupos que corroboram com seus valores.

No entanto, esse processo deve ser sempre avaliado junto ao contexto escolar para que haja maior compreensão das identidades individuais e coletivas que são formadas, perpetuadas e as que devem ser reformadas e rompidas

para uma educação que contemple a todos. Ressalta-se assim, a importância do ser humano, do olhar humano para todo o contexto. Segundo Berger e Berger (1990) só é possível falar de nós, ao interiorizarmos a voz do outro, se a mensagem de fora não for significativa e transformadora, reinaria o silêncio, só através do outro a descoberta e a transformação existem em nós mesmos.

Nesse sentido, considerando a influência humana e sua capacidade de transformar a realidade do outro, Lahire (1997) nos ajudam na discussão ao trazer a razão do improvável, considerando os resultados que são improváveis ou contrários as expectativas sociais e culturais dos sujeitos. Entendendo que apesar de todo contexto de socialização e influência, o sujeito consegue enxergar perspectivas que os levam a uma nova realidade. Lahire (2006) discute que há diversos meios de interação social, considerando que o processo de socialização não pode ser simplista ou reducionista.

Lahire (1997) sugerem que a razão do improvável está relacionada a construção de agência humana, sendo grupos ou ações individuais que tem a capacidade de contrariar as expectativas dominantes sobre uma determinada realidade em relação aos sujeitos. Assim, a reflexão sobre a razão do improvável se amplia nas análises sociológicas, pois as razões sociais passam a ser tratadas com a complexidade que as competem. Mas todas essas análises nos abrem a novas descobertas sobre como a ação humana é transformadora.

Como exemplo de um caso em que o agenciamento humano fez e faz diferença, temos o recente trabalho de Perpétuo e Coutim (2022), em que trazem o contexto de uma escola de sucesso em um contexto de vulnerabilidade e desafios socioeconômicos significativos. Diante de uma equipe altamente capacitada pelos seus pares, todo corpo pedagógico da escola se engajou na promoção de educação de qualidade aos sujeitos, ainda que as condições materiais da escola fossem deprimentes.

Os professores eram capazes de desenvolverem um ambiente acolhedor e prazeroso, utilizando todo conhecimento compartilhado para inovar na aprendizagem dos alunos de forma colaborativa e reflexiva. Essa prática só foi possível, pois havia capacitações, discussões teóricas pedagógicas e trocas de experiências, auxiliando e equiparando as compreensões dos professores frente as necessidades dos alunos. O recurso humano fez toda diferença no caso de sucesso, o investimento em vínculos afetivos, fortaleceu a equipe, os alunos e os familiares, criando um comprometimento com a causa de forma colaborativa e transformadora.

No entanto, o processo de socialização é uma construção importante a se atentar ao nos depararmos com as desigualdades sociais, pois é através dessa construção que o indivíduo se constitui. Mas juntamente com essa compreensão, temos a questão do recurso humano como uma possibilidade de transformação da realidade e mudança de sentido nas trajetórias que se formam frente as desigualdades sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se a importância de inserirmos as discussões sobre as desigualdades sociais nos ambientes educacionais. Na trajetória escolar, muitos alunos não conseguem compreender todas as dimensões e influências das desigualdades sociais em suas vidas, e por consequência não conseguem construir perspectivas de consciência sobre seus direitos. Dessa forma, através de um processo de conscientização de professores e alunos em relação a esses múltiplos espaços de desigualdades, podemos assim pensar em uma formação de sujeitos que compreendem seus direitos e garantias como requisito de existência.

Nesse sentido, o processo de socialização precisa ser levado em conta e refletido constantemente na ação, para que as atitudes construídas no âmbito social não sejam perpetuadoras de ideias voltados a desigualdade. Considerar os diversos meios que os indivíduos frequentam como formadores de seus valores também é algo que precisa ser considerado, mas que a escola não pode perder de vista o seu papel transformador de contrastar as realidades e oportunizar uma socialização heterogênea voltada à dignidade humana. A compreensão de que somos formados pelos exemplos dos outros e socializados pela compreensão que fazemos de si nessa relação, é o que deveria ser buscado para uma formação plena dos sujeitos.

Assim, vemos a total importância do recurso humano, mesmo sendo óbvio compreender a ação humana como transformadora no meio, ainda temos dificuldades de criamos reflexão na ação, pois o olhar verdadeiro para com o outro humana, que é igual em condição a si, pode promover a ampliação de visões e contemplação de uma transformação real. Da mesma forma que construímos abismo, podemos construir pontes que nos levam para caminhos além do provável, criando exemplos de escolas de sucesso por tratarem seres humanos

como seres de sucesso em sua constituição e em tudo que tem para aprender e por consequência compartilhar.

Portanto, não se trata de selecionar culpados ou determinar ações considerando que serão bem sucedidas, mas de trazermos a reflexão a importância do ser humano para a construção de um mundo de igualdade e respeito à condição humana em todos seus contextos de existência.

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter, BERGER, Brigitte. Socialização: Como ser um membro da sociedade. In: FORACCI, Marialice M. & MARTINS, José de S. (org.). **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1990.

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. (8ª ed. 2005), p. 243-256.

ÉRNICA, Maurício, BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável. **Cadernos de Pesquisa**, n. 42, v.146, 2012, 640-666.

ERNICA, Mauricio; RODRIGUES, Erica Castilho. Desigualdades educacionais em metrópoles: território, nível socioeconômico, raça e gênero. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 41, e228514, 2020.

JESUS, Rodrigo Ednilson de. Mecanismos Eficientes na Produção do Fracasso Escolar de Jovens Negros: Estereótipos, silenciamento e invisibilização. Educação em Revista. Belo Horizonte|n.34|e167901|2018.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as condições do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Em Aberto**, ano 9, n. 46, abr. jun. 1990. PERPÉTUO, Sandra Maria; COUTRIM, Rosa Maria Exaltação. Alfabetização em Território Vulnerável: O caso de uma escola de sucesso. **Interfaces da Educação**, v. 13, n. 38, 2022.

PIOTTO, Débora C.; NOGUEIRA, Maria Alice. Tradução: Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.

REIS, Maglaice M.; NOGUEIRA, Marlice de O. Escolarização em contextos rurais: a perspectiva das famílias. **Debates em Educação**, v. 13, n. 31, p. 282-306, 2021.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, 2006.